

“DUAS VÊNUS NEGRAS PARA ESCULPIR UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA”

Aluna: Cláudia Cristina Ferreira de Freitas

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Eduardo Gonçalves, Clóvis Gorgônio

Introdução

Esse trabalho é um dos resultados da minha experiência como pesquisadora e monitora no Solar Grandjean de Montigny – Museu Universitário da PUC-Rio. Uma das tarefas referentes a esse trabalho é a monitoria nas exposições que incluem a visita à própria casa. Como partes do acervo, são dispostas interna e externamente algumas obras de arte que atraem especialmente o público infantil e os visitantes em geral. Apresentar esses espaços e objetos ao público é uma das atividades que mais me mobilizam. Entre as esculturas do jardim de Montigny, uma especialmente chamou a atenção. Intitulada “Ragazza brasileira”, a escultura chegou ao Solar em 1991 como parte da exposição “Esculturas” do artista italiano Roberto Gramigna, e hoje ainda embeleza o jardim do Solar. Sua figura enigmática despertou meu interesse para pesquisar não apenas a obra do artista, mas também as diversas formas de representação do corpo feminino através da história, também de nome Vênus.

Conduzida pela obra Mulher brasileira e através de pesquisas no acervo documental do Solar, pude chegar até outra obra do mesmo autor, de nome Vênus Negra. E ao chegar na escultura Vênus Negra, me deparei com a história de uma mulher real. Negra, coisificada, hiperssexualizada e animalizada, pertencente à tribo Khoisan que partilhava algumas características físicas e linguísticas distintas das solicitadas na sociedade europeia do século XIX. Tais características fizeram de Sarah a *Vênus Hotentote*, personagem exótica de shows de horrores em circos daquela época, mas também a tornaram uma agente social cuja memória e resistência permanecem até hoje.

Objetivo

Nessa primeira etapa do trabalho, pretendo discorrer sobre a Vênus Mulher e sua história marcada pela resistência diante do preconceito de uma sociedade em uma época que se pregava a liberdade, a igualdade e a fraternidade, e também abordar outras formas de representação do corpo feminino, conhecidas como vênus e encontradas espalhadas pelo mundo.

Metodologia

O primeiro texto utilizado nessa pesquisa foi o de autoria de Carlo Ginzburg “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” [1], sobre os indícios e pistas que encontrei a partir da escultura de Roberto Gramigna no jardim de Montigny, passando pela Vênus Negra até chegar na história de Sarah Baartman. Outra leitura fundamental foi da tese de doutorado da professora Amanda Braga da Universidade Federal da Paraíba [2], que narra como a sensualidade da mulher negra era atribuída à natureza animalesca naquela época, o que conversa com o espetáculo apresentado por Sarah nos circos. E em “Visões da liberdade”, livro de Sidney Chalhoub [3], verifiquei como as lutas e as diferentes visões de liberdade e

cativeiro contribuíram para o processo de fim da escravidão. A obra também serviu para analisar como Sarah enxergava essas questões.

Conclusões

Conhecer a história de Sarah Baartman é conhecer a história da maioria das mulheres negras de todos os tempos: história de muita humilhação, mas de muita resistência. Subjugada, objeto de desejo e ultrajada, essas eram as únicas características que destacavam as mulheres negras daquela época. Por ser *diferente*, Sarah e tantos outros portadores de alguma anomalia, viveram à margem da sociedade europeia, servindo de distração para aqueles que se julgavam perfeitos e superiores. O mesmo corpo que era objeto de curiosidade e desejo, era motivo de escárnio e julgamento. A alteridade não pode continuar falando mais alto ainda hoje em nossos dias. A escultura que jaz placidamente no Solar Grandjean de Montigny não é a da Vênus Negra, mas a da *Mulher Brasileira*. Essa escultura de cimento em permanência no jardim de Montigny, não deixa de ser exemplo de luta e resistência de mulheres, especialmente negras, na sociedade brasileira atual e de todos os tempos.

Referências

- 1- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 143-179.
- 2- BRAGA, Amanda. **Retratos em preto e branco: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil**. 2013. 231 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- 3- CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.